Capítulo 1

História-ficção-narrativa de vida em Certeau

Carlos Eduardo Ferraço
Maria da Conceição Silva Soares
Nilda Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. História-ficção-narrativa de vida em Certeau. In: *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, pp. 19-31. ISBN 978-85-7511-517-6. <https://doi.org/10.7476/9788575115176.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 1

História-ficção-narrativa de vida em Certeau

Alguém pergunta: mas o que ‘querem’ dizer? Então se responde: vou contá-los de novo. Se alguém lhe perguntasse qual era o sentido de uma sonata, Beethoven, segundo se conta, a tocava de novo (Certeau, 1994, p. 155).

Ponto de partida

A escrita de uma biografia sempre implica escolhas do que consideramos relevante ou não de ser narrado. Ao selecionarmos as informações que serão usadas em nossas narrativas, acabamos por potencializar sentidos que, como nos ensina o próprio Certeau (1994, p. 162), “[...] devem brilhar como uma metonímia em relação a esse todo”. Assim, as escolhas que fazemos são sempre parciais e arbitrárias, uma vez que priorizam determinadas informações, a partir das quais evidenciaremos um mito, enquanto outras ficam no esquecimento.

Mas, que significa entender uma biografia como mito? Quadros (2002) responde a essa pergunta ponderando que, assim como o mito, uma biografia é sempre reinventada com características fictícias ao tentar explicar sua origem. Recorrendo a Certeau (1994, p. 182), teríamos que um mito “[...] é um discurso relativo ao lugar/não lugar (ou origem) da existência concreta, um relato bricolado com elementos tirados de lugares

comuns, uma história alusiva e fragmentária cujos buracos se encaixam nas práticas sociais que simboliza”.

Desse modo, em nossas tentativas de narrar fios da história de vida de Certeau, estaremos nos aproximando da criação em redes de um espaço de ficção, que se afasta de toda e qualquer pretensão de retratar a realidade e a veracidade dos acontecimentos vividos, “produzindo efeitos e não objetos. É narração, não descrição. É uma arte do dizer” (Certeau, 1994, p. 154), que exerce uma arte do pensar.

Para tanto, nos valem os diferentes textos-memórias-narrativas de autores e autoras que se dedicaram a fazer biografias ou, mais modestamente, apresentar alguns fatos da vida de Michel de Certeau. Durante as leituras desses textos-memórias, sempre nos acompanhou a sensação de que se tratava de exercícios que pudessem estabelecer relações entre aspectos biográficos e o pensamento do autor. Em nosso caso, deixamos esses exercícios a critério dos leitores e leitoras que tenham esse interesse.

Nossa intenção é apenas produzir narrativas a partir de outras narrativas, criando, como já dito, espaços de ficção e não de representação, fazendo valer a dimensão de mobilidade das memórias-narrativas, onde “[...] os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera” (Certeau, 1994, p. 165).

Os anos iniciais, o convívio familiar, o início da formação e a experiência da guerra

Jean-Michel-Emmanuel de la Barge de Certeau, ou Michel de Certeau, nasceu no dia 17 de maio de 1925, em Chambéry, comuna francesa, capital do Departamento de Savoie, na Região Rhône-Alpes. Seus pais, Antoinette de Tardy de Montravail e Hubert de la Barge de Certeau, tiveram quatro filhos — três

homens e uma mulher, sendo Michel o primogênito. Como informam as biografias, Certeau cresceu no seio de uma família da *petite noblesse* de Savoie, detentora de propriedades rurais, em um contexto fortemente marcado pela religiosidade católica. Seu pai era engenheiro; sua mãe, órfã desde pequena, tinha um único irmão, que era monge beneditino.

O cotidiano da infância de Certeau foi marcado por encontros no verão de toda a família na casa de campo perto de Saint-Pierre d'Albigny (*Savoie*), cujas lembranças traziam, nas palavras de Giard (2006, p. 1), “[...] um profundo sentimento de Certeau pela velha casa da família, pela região montanhosa e pelos dias felizes de suas aventuras infantis com seus irmãos”. Como a fazenda de seus pais era administrada por caseiros, esses encontros acabavam reunindo os filhos das duas famílias na realização das tarefas do campo, bem como nos momentos de lazer ao ar livre que aconteciam em meio a uma atmosfera de intimidade, respeito mútuo e distância social, tendo em vista as tradições da sociedade francesa da época.

Certeau se dedicou desde muito cedo à leitura, tendo sido formado com base em um currículo bem estruturado da escola francesa de ensino secundário, cujas principais matérias eram o grego, o latim e a filosofia alemã. Iniciou seus estudos no colégio religioso de Notre-Dame de La Villette, onde permaneceu como pensionista até a classe retórica em 1940-41, com 16 anos. Durante os anos de 1942 e 1943, ainda em regime de pensionato, frequentou a instituição Sainte-Marie, colégio Marista de La Seyne-sur-Mer, onde finalizou o curso secundário e se tornou membro da juventude estudante católica (Vidal, 2005).

Ao final de sua adolescência, Certeau sentiu-se atraído pela vida monástica cartusiana, que combinava vida solitária com um mínimo contato com a comunidade, lembrando sem-

pre aos seus amigos que a ordem surgiu após um humilde retiro nos Alpes. Assim, no decorrer de sua formação também se tornou seminarista católico, sentindo-se convocado a servir a Deus ao mesmo tempo em que buscava um modo de vida e de comunidade capaz de satisfazer seus desejos (Giard, 2006).

Ainda na adolescência, Certeau conviveu com a ocupação da França pelas tropas alemãs em 1940. Ele tinha apenas 15 anos quando viu e sentiu toda a sua geração sofrer “[...] a experiência dolorosa da derrota e da resignação dos pais” (Vidal, 2005, p. 259), o que não o impediu de participar como mensageiro de um grupo de resistência ao nazismo.

A busca por outras experiências de vida e as formações em Grenoble, Paris e Lyon

Com o fim do período sombrio da segunda grande guerra que, como já destacado, privou sua geração da liberdade comum a todo adolescente, Certeau sentiu necessidade de, como ele mesmo dizia, buscar ar fresco, longe de sua região provinciana. Essa busca visceral por outras paisagens e sentidos de vida o levou a realizar longas e solitárias viagens de bicicleta pela França, experimentando viver os acontecimentos cotidianos da maneira mais simples possível, sem nenhum objetivo ou itinerário pré-definido “[...] dormindo sob as estrelas, comendo refeições leves, bebendo água de fontes, lendo e tomando nota de livros, meditando e parando aqui e ali, na praça de algum remoto vilarejo, por causa da luz, da musicalidade das vozes ou do silêncio de um dia quente” (Giard, 2006, p. 1).

As situações vividas por Certeau nessas viagens aliadas às experiências que teve da guerra influenciaram fortemente sua visão sobre a fragilidade da condição humana e a efemeridade da vida, levando-o a um exercício de busca por conhecer e educar seu corpo e sua mente para usar, da melhor maneira

possível, o tempo e a energia de que dispunha. Essa disciplina do corpo-mente fez com que Certeau resistisse a longas horas de trabalho, dia e noite, bem como a inúmeras viagens e tarefas. Entretanto, mesmo com todos os seus dias cheios de compromissos e de atividades, “[...] sempre achava tempo para receber visitas, ouvir suas perguntas, ler seus trabalhos, como se fossem mensageiros pelos quais esperava” (Giard, 2006, p. 2).

Após finalizar o ensino secundário e partir para viver novos ares — fato que, para alguns biógrafos, seria a marca de uma tradição do *peregrinatio academica*, isto é, da prática do aluno viajar por diferentes lugares em busca de grandes mestres —, Certeau teve a oportunidade, no período de 1943 a 1950, de estudar em diferentes universidades como Grenoble, Paris e Lyon. Obteve uma consistente formação nos clássicos, com bacharelado em Latim, Grego, Alemão e Filosofia e, ainda, licenciando-se em Letras Clássicas, com ênfase em Grego e Filosofia.

Nos anos de 1943 e 1944, Certeau frequentou o curso de Letras da Universidade de Grenoble. A partir de outubro de 1944, ingressa no *Séminaire des Messieurs de Saint-Sulpice* em Issy-les-Moulineaux, subúrbio de Paris, uma instituição de orientação clássica e austera onde cursou, nos anos acadêmicos de 1944-45 e 1946-47, o ciclo filosófico. Para Vidal (2008, pp. 260-1), a partir dessa experiência de formação e, ainda, “[...] estimulado pelo que no pós-guerra foi denominado de *nova teologia*, Certeau seguiu para o seminário universitário de Lyon para dar continuidade aos estudos, consagrando-se à teologia”.

Giard (2006) se refere à experiência de Certeau na universidade católica de Lyon destacando o forte programa de estudos bíblicos oferecido que incluía, por exemplo, o Velho Testamento Hebreu e o Novo Testamento Grego, além de filosofia acadêmica. A vocação e o desejo de Michel de Certeau de

entrar para o sacerdócio foram confirmados em Lyon ao incluir, ao seu bacharelado de Filosofia, uma licenciatura em Teologia.

Além disso, o convívio na residência jesuítica de *Fourvière* possibilitou a Certeau conhecer inúmeros padres, entre eles o teólogo jesuíta Henri de Lubac, que viria a ser cardeal quando idoso, e que teve grande influência na sua decisão, no outono de 1950, de entrar para a Companhia de Jesus, tendo recebido sua *tonsura*¹ em 1948, e a ordenação sacerdotal, em 31 de julho de 1956.²

O cotidiano vivido em *Fourvière* possibilitou a Certeau compartilhar inúmeras experiências sobre acontecimentos políticos, mudanças sociais e debates intelectuais vividos por aqueles padres em diferentes lugares, como China, Américas, Madagascar e Oriente Médio. Para Vidal (2005, p. 261), “[...] foi Lubac e o desejo de ser enviado em missão à China que fizeram Certeau, àquele momento já padre, recomeçar sua formação na ordem jesuíta, partindo para o noviciado em 1950, em Laval”.

Para Giard (2006), o momento mais forte da formação de Certeau aconteceu nos anos de 1953-54, no famoso Seminário Jesuíta Les Fontaines, Chantilly, por ocasião de sua admissão como um dos membros mais avançados do grupo no programa especial de um ano dedicado à filosofia de Hegel. Como nos informa ainda a autora (p. 3), “[...] os poucos felizardos passaram um ano inteiro, seis horas por dia, em dedicada leitura sobre Hegel, lido em alemão sob a orientação do Padre Joseph Gauvin.

¹ A *tonsura* é uma cerimônia religiosa em que o bispo dá um corte no cabelo do ordinando ao conferir-lhe o primeiro grau de Ordem no clero, chamado também de “*prima tonsura*”.

² “Nesse meio tempo, havia completado a série necessária da *experimenta* Jesuíta, um serviço a doentes num hospital, catequese e pregação numa paróquia, etc., dentre os quais estava um ano no cargo de professor numa escola jesuíta. Seu cargo era em filosofia para alunos equivalentes à 12ª série em *Britanny* em *Vannes, Morbihan*, em 1954-1955” (Giard, 2006, p. 3).

Mais tarde, Certeau declararia sua gratidão a Gauvin, que havia lhe ensinado tanto”.

O doutorado na Universidade de Paris V, suas viagens ao Brasil em maio de 1968

Como pudemos notar, a certeza de Certeau em ingressar para a vida e a carreira eclesiásticas, alimentada desde sua adolescência e fortemente influenciada por Henri de Lubac, se confirmou. Nesse sentido, apesar de sua sólida formação universitária, não foi dada a Certeau nenhuma regalia ou facilidade, sendo submetido a um longo treinamento do *scholasticus approbatus*. Como informa Giard (2006, p. 3), “[...] muitos anos após seus estudos, alguns dos seus companheiros ainda lembravam o quanto seu brilhantismo era assustador”; muito embora nunca tivesse sido arrogante ou mesmo competitivo.

Em suas análises, Quadros (2002) infere que as formações religiosas exigentes pelas quais passou, aliadas ao apreço que tinha pelos estudos, levaram Certeau a seguir a carreira universitária, tendo ingressado no doutorado em Ciências da Religião na Universidade de Paris V. A tese foi defendida em 1960, abordando Pierre Fabvre, o companheiro francês de S. Inácio de Loyola, e foi orientada pelo historiador e filólogo Jean Orcibal.

Ainda durante o doutorado, Certeau pôde cursar os seminários de Roland Mousnier, erudito historiador especializado na Idade Moderna, e de Alphonse Dupront, um dos poucos historiadores que buscavam construir uma nova abordagem da história religiosa que passasse pelo diálogo com a psicologia junguiana e a antropologia. Como entende Quadros (2002, p. 3), “[...] Na concepção de Dupront, uma boa compreensão das

manifestações religiosas deve deixar o enfoque apenas objetivo para buscar a subjetividade”.

Também foi na universidade de Paris V que Certeau se interessou pela psicanálise, tendo frequentado assiduamente os seminários de Jacques Lacan durante 16 anos, com quem teve uma amizade duradoura. “[...] Quando, em 1964, Lacan rompeu com outros psicanalistas e organizou a Escola Freudiana de Paris, Certeau achava-se dentre os fundadores” (Quadros, 2002, p.3).

Para Vidal (2005), a psicanálise dava a Certeau a possibilidade de compreender a experiência espiritual dos místicos sem encerrar a interpretação em uma explicação clínica, uma vez que se constituía como um espaço favorável, indefinido, sempre aberto às práticas de escuta do Outro. Como infere a autora (p. 261), a atração pelo Outro, pela alteridade, sempre foi uma das principais marcas da obra do autor, uma vez que “[...] A escuta de um sujeito aprendida a partir de um outro, de uma palavra que era a palavra do Outro, constituía-se em uma estrutura análoga à expressão da espiritualidade”.

Sua primeira viagem à América Latina aconteceu como representante da revista *Études* no congresso da Confederação Latino-Americana de Religião, ocorrido no Rio de Janeiro entre 27 de outubro a 6 de novembro de 1966. Como informa Vidal (2005, p. 263), “[...] Certeau ficou impressionado com as condições de vida da população pobre carioca, residente nas favelas que qualificou de ‘banida da cidade resplandecente e, ao que tudo indica, da luz que envolve, à noite, o Cristo tão longe do Corcovado’”.

O interesse de Certeau pelo Brasil e pelo modo de vida dos brasileiros o levou a voltar ao Rio de Janeiro onde se dedicou a observar as práticas cotidianas de uma missão católica

instalada na Favela dos Cabritos.³ Nessa mesma viagem, foi a Belo Horizonte, Mariana e Ouro Preto, por conta de seu interesse pela cultura popular brasileira. Vidal (2005, p. 264) relata que esse interesse fez com que solicitasse ser enviado em missão para o Brasil em 1968 e, mesmo não conseguindo, continuou sensível à situação política brasileira. “[...] Em artigo escrito para a revista *Politique aujourd’hui*, denunciou a prática de tortura, a perseguição a estudantes e professores universitários considerados pelo governo militar como subversivos e a invasão das universidades por policiais”.

O posicionamento político de Certeau frente ao regime militar rendeu-lhe, como escreve Vidal (2005, p. 264), a proibição de viajar às terras brasileiras, o que ele conseguiu reverter com um passaporte com o sobrenome La Barge. Esta estratégia lhe permitiu, nas várias viagens que fez, conhecer melhor os territórios e as culturas brasileiras.⁴

A autora infere que as experiências vividas por Certeau no Brasil deixaram marcas no intelectual levando-o a fazer referência a alguns dos acontecimentos culturais presenciados por ele. Por exemplo, ao teorizar sobre as culturas populares no livro *A invenção do cotidiano*, Certeau (1994) descreve uma cami-

³ Fica entre os bairros de Copacabana e Lagoa, integrando o Parque Natural Municipal da Catacumba, que por sua vez faz parte da Área de Proteção Ambiental Morro dos Cabritos e Saudade. Na face sul, em Copacabana, existe uma comunidade que começou a se formar em 1926, quando imigrantes nordestinos se estabeleceram na subida do morro. Foi por causa desses primeiros moradores, que criavam cabras, que o morro ganhou o nome.

⁴ “Atento às manifestações do Nordeste brasileiro, participou com regularidade de seminários de pesquisa sobre linguagem popular e religião na cidade do Recife, a partir de 1973 [...]. Em Salvador, visitou um terreiro de candomblé. A resistência indígena à assimilação cultural também não passou despercebida ao autor que, destacando as estratégias não violentas de reapropriação, discorreu sobre a indianidade nos países latino-americanos (sic), citando o exemplo dos Bororós do Mato Grosso nos artigos reunidos em *La prise de parole et autres écrits politiques*.” (Vidal, 2005, pp. 264-65).

nhada feita durante a noite barulhenta de Salvador até a Igreja do Passo, sempre atento aos contrastes entre a poeira e o suor da cidade, os monumentos e os barulhos e vozerios vindos dos bairros antigos.

Toda essa atmosfera vivida por Certeau lhe sugeriu a existência de segredos silenciosos e monumentais que escapavam aos pesquisadores, embora estivessem ali, diante deles e de seus olhos. Também lhes escapava a língua popular, vinda de muito longe. A observação prolifera e tateia, mas seus segredos não se entregam. Trata-se de uma “arte” brasileira pensada como táticas de usos de seus praticantes, como formas de resistir aos sistemas. “[...] Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tenacidade” (Certeau, 1994, p. 79).

Ao receber em 1967 um convite para integrar a revista *Études*, Certeau passa a morar em Paris e a escrever regularmente para esse periódico. No mesmo ano, sofre um acidente de automóvel no qual tem uma das vistas afetada e sua mãe vem a falecer. Foi ainda em 1967 que o autor conviveu com situação política do Chile. Como informa Giard (2006), Certeau possuía muitos amigos jesuítas cujo processo político ele acompanhava com atenção por conta de Salvador Allende.⁵ Na manhã em que o golpe militar foi anunciado, Giard havia combinado trabalhar com ele, o que não aconteceu. “[...] Certeau veio ao nosso encontro com uma aparência sombria no rosto, dizendo: ‘Vão matá-lo [Allende], e muitos outros em volta dele’” (Giard, 2006, p.3).

⁵ Salvador Allende Gossens foi um médico e político marxista chileno. Fundador do Partido Socialista, governou o Chile de 1970 a 1973, quando foi deposto por um golpe de estado liderado por seu chefe das Forças Armadas, Augusto Pinochet.

A convivência de Certeau com os acontecimentos de Maio de 1968 representou, para alguns biógrafos, uma mudança na vida do autor ao projetá-lo para além dos muros eclesiásticos. Ao falar desse momento, Giard (In Certeau, 1994) é enfática ao observar que a fama de Certeau ultrapassou as fronteiras dos meios dos historiadores, recebendo convites de inúmeros círculos intelectuais de esquerda e do mais alto escalão administrativo.

Para ela, a notoriedade que conferiu a Certeau um novo papel social decorreu de sua surpreendente capacidade de analisar ao vivo um turbilhão de acontecimentos que caracterizavam um tempo de incertezas, propondo uma leitura inteligente, generosa e acolhedora das mudanças, livre do medo que paralisava muitos intelectuais daquela época. Nesse sentido, não buscou propor soluções, muito menos apresentar um diagnóstico definitivo sobre o futuro, mas, sobretudo, buscou entender o que estava acontecendo.

Ou seja, ao invés de se preocupar com a confusão dos discursos, as lamentações e as censuras Certeau indaga: “Esta ebulição, esta desordem de palavras e barricadas, essa revolta e tantas greves, o que dizem a respeito de uma sociedade, do que ela esconde e espera? Na brecha entre o dizer e o fazer Certeau não vê ameaças, mas uma possibilidade de futuro” (Giard, In Certeau, 1994, p. 12).

Para Giard, os acontecimentos ocorridos em maio de 1968 deixaram marcas definitivas na vida de Michel de Certeau, tocando-o profundamente e provocando nele uma ruptura instauradora, não no sentido de renegar sua vida anterior, mas pelo fato de ele canalizar seu trabalho para “[...] voltar a esta ‘coisa’ que aconteceu e compreender aquilo que o imprevisível nos ensinou a respeito de nós mesmos, ou seja, aquilo que, então, nos tornamos” (Giard, In Certeau, 1994, p. 12).

Como é possível inferir a partir do pensamento da autora, essa busca por entender o que o imprevisível pode provocar em nossas vidas instiga Certeau a construir seu próprio caminho de pensamento, sua própria metodologia de pesquisa chegando a uma das questões fundamentais de sua teoria: como se cria! Com isso, o autor desloca a ideia de um consumo supostamente passivo e/ou alienado dos produtos que recebemos para o que ele chama de criação anônima, que insurge com a prática do desvio no uso que fazemos desses produtos. Como escreve Giard (In Certeau, 1994, p. 13), para Certeau faz-se necessário que nos interessemos pelas criações anônimas e que são perecíveis e não se capitalizam, ou em outras palavras, “[...] é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações de seus usuários; é mister ocupar-se com ‘as maneiras diferentes de *marcar* socialmente o desvio operado num dado produto por uma prática’”.

Os anos finais

No final de julho de 1985, Michel de Certeau recebeu um diagnóstico de câncer, o que não o impediu de continuar trabalhando e de ministrar seus últimos seminários até dezembro daquele mesmo ano, vindo a falecer em 9 de janeiro de 1986, em seu apartamento em Paris.

O período que antecedeu a morte de Certeau comprovou que seu maior excesso era seu hábito de trabalhar incessantemente, dedicando muitas horas de sua vida para a escrita de seus livros, manuscritos, palestras e trabalhos de amigos e alunos, ficando surpreso quando alguém não conseguia fazer o mesmo e pedia uma pausa ou adiamento. Mas, como atesta Giard (2006, p. 2), “logo depois, com um brilho de alegria nos olhos, dizia:

‘É uma ótima ideia, vamos parar por aqui, tenho outro trabalho para escrever para amanhã’ e corria para seu escritório”.

A autora infere que esse ritmo acelerado segundo o qual Certeau trabalhava e pensava, provocou nele um hábito de, de modo geral, colocar em circulação uma primeira versão de seus escritos ainda em processo, os quais, posteriormente, ele revisava, expandia e finalmente transformava em capítulos de livros.

Como conclui Giard (2006, p. 5), “Não que ele não fosse capaz de elaborar longas obras, ou que sua mente não conseguisse trabalhar em um projeto longo. Esse modo de trabalhar veio, eu acho, de um sentimento interior de que o tempo era curto, de que a tarefa poderia ser interrompida a qualquer momento, e que o autor não seria capaz de finalizar sua obra”.⁶

Após sua morte, Marc Augé, Presidente da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, a mesma instituição onde Certeau ministrou seus últimos seminários, fez um preciso retrato do autor: “Era um intelecto sem medo, cansaço ou orgulho” (Giard, 2006).

⁶ “Eventos familiares reforçaram esse sentimento: seu irmão Jean (mais novo que ele dez meses) morreu com vinte e poucos anos, sua irmã Marie-Amélie, com trinta e poucos, e ele perdeu um olho em um acidente de carro (agosto de 1967), perto de Chambéry, no qual morreu sua mãe (seu pai, que dirigia o carro saiu ileso). Ao lembrar-se dos dias negros passados no hospital, após o acidente (os médicos não sabiam dizer se ele sobreviveria), ele dizia: ‘Eu temia que tivesse virado um idiota e ninguém queria me contar a verdade’” (Giard, 2006, p. 5).